

# O papel da escola: interface de teóricos e atores escolares

Eliane de Lourdes Felden\*

Maria Isabel Cunha\*\*

Nossas escolas podem ser diferentes de como são? (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 212).

## Resumo

O papel da escola vem provocando profundo debate entre os profissionais da educação, estudiosos e pesquisadores. O presente artigo apresenta resultado de pesquisa realizada no contexto escolar, tendo como objetivo compreender como os atores escolares percebem o papel da escola. O trabalho baseou-se em um conjunto de estudos que aborda a complexidade e ambiguidade de funções impostas à escola na contemporaneidade. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que foram realizadas entrevistas semiestruturadas com supervisores e diretores de escolas públicas do ensino médio dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, tendo como apoio teórico autores, como: Charlot (2008); Souza Santos (2009); Morin (1993); Gimeno Sacristán (1998, 2001, 2005); Anastasiou (2010); Arroyo (2010); Freire (2000, 1977); Pérez Gómez (2001); Canário (2005); Rios (2006), entre outros. A escola, como espaço público, nas considerações dos profissionais entrevistados, tem como princípios básicos a inserção do sujeito na sociedade, a reconstrução crítica do conhecimento e a proposição de normas e de padrões de convivência. Portanto, pensar a instituição escolar, na contemporaneidade, é um empreendimento difícil, mas necessário.

Palavras-chave: Papel da Escola. Atores escolares. Conhecimento. Sociedade.

## 1 INTRODUÇÃO

No Brasil, o cenário educacional está demarcado por preocupações relacionadas à qualidade da educação e ao desempenho das instituições

---

\* Doutoranda do Programa de Pós-graduação da Universidade do Vale Rio dos Sinos; Professora Universitária na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões, *Campus* de Santo Ângelo, RS; elianefelden@gmail.com

\*\* Professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos; São Leopoldo, RS; mabel@unisinos.com

educacionais. Nesse contexto, é possível afirmar que a qualidade da educação relaciona-se aos compromissos dos estabelecimentos educacionais com a formação social, humana e profissional dos educandos.

Assim, com a reflexão aqui desenvolvida, intenciona-se focar o papel da escola,<sup>1</sup> embora haja inúmeros trabalhos propositivos nesse sentido. Essa análise sistemática nasce de uma produção coletiva dos doutorandos, alunos do Seminário Avançado da Linha de Pesquisa II, no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), No ano de 2010, investigando a respeito da formação de professores, saberes docentes e mediações pedagógicas, um conjunto de indagações surgiu, estimulando um estudo empírico à luz das teorias contemporâneas.

Procurou-se analisar questões referentes à gestão escolar, percebendo o sentido e o significado da escola na contemporaneidade e como ela vem assumindo essa complexidade. E foi com esses questionamentos que se desenvolveu o estudo envolvendo diretores e supervisores de escolas públicas de ensino médio dos estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, tentando articular os achados com as contribuições teóricas contemporâneas.

O campo teórico foi atravessado pelo diálogo com diferentes áreas das ciências que embasam a educação<sup>2</sup>, como Filosofia, Pedagogia e Sociologia, em especial com os autores, Bernard Charlot (2008); Boaventura S. Santos (2009); Edgar Morin (1993); Gimeno Sacristán (1998, 2001, 2005); Léa Anastasiou (2010); Miguel Arroyo (2010); Moaci Carneiro (2010); Paulo Freire (2000), (1977), Pérez Gómez (2001) Alfredo Veiga-Neto (2003); Rui Canário (2005); Terezinha A. Rios (2006) e Vera Candau (2010).

## **2 A ESCOLARIZAÇÃO COMO PARTE DE NOSSAS VIDAS**

A educação desenvolvida nas instituições escolares integra uma realidade social, quase natural, que constitui a vida dos sujeitos, ora marcando e agregando valor e/ou logo se dissipando em nossa consciência.

Nesse sentido, já há algum tempo, Gimeno Sacristán (2001, p. 11) argumentava:

Ingressar, estar, permanecer por um tempo nas escolas – em qualquer tipo de instituição escolar – é uma experiência tão natural e cotidiana que nem sequer tomamos consciência da razão de ser de sua existência, da sua contingência, de sua possível provisoriedade no tempo, das funções que cumpriu, cumpre ou poderia cumprir, dos significados que tem na vida das pessoas, nas sociedades e nas culturas.

Os estudos que têm sido feitos nessa direção mostram que frequentar a escola<sup>3</sup> é algo instintivo e normal e, que muitas vezes, passa despercebido pelas pessoas. O fato de pensar, ou de construir uma concepção de seu papel e do seu sentido, exige uma disposição reflexiva dos sujeitos, olhando a escola como parte integrante de instituições sociais. Igualmente, é importante refletir que, sendo o acesso à escola em inúmeros países, se naturalizam os rituais e as práticas “[...] como algo bom e conveniente para todos.” (GIMENO SACRISTÁN, 1998, p. 12).

Acredita-se que a escola, além de “boa” e “conveniente”, é um direito humano universal e precisa ser pensada para que seja oferecida em condições de igualdade, gratuidade e qualidade. Várias são as razões que nos impelem a investir nesse debate que, aparentemente, não está concluído.

É visível a existência de uma insatisfação geral com a realidade educacional brasileira, tanto pelos profissionais da educação quanto pelos estudantes, pais e comunidade em geral. Entretanto, não há defesas relativas ao fim da escola, assim como não há argumentos que anunciem sua substituição. Sua existência parece garantida, mesmo que se apontem muitas mazelas e desarticulação nas suas práticas.

Se essa é uma condição com uma permanência ainda inquestionável, cabem esforços de melhor compreender os fenômenos que atingem a qualidade da escola e um investimento na superação de suas dificuldades.

Assim como Gimeno Sacristán (2001), acredita-se na educação como um investimento nos sujeitos, capaz de fomentar no indivíduo conhecimentos e competências para que possa intervir criticamente na realidade.

### **3 A ESCOLA: UM POUCO DA HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA**

Estudar a escola, em tempos de incerteza, impele-nos a pesquisar o que os teóricos, que tradicionalmente discutem a educação escolarizada, vêm asseverando. Charlot (2008) investiga o trabalho dos estabelecimentos de ensino e, ao fazer uma breve retrospectiva histórica sobre o tema, recorda que, até a década de 1950 do século XX, a escola primária assumia, como funções, essencialmente a alfabetização, a transmissão de conhecimentos elementares, além de acreditar que, pela educação escolarizada, poder-se-ia “moralizar-se” o indivíduo.

Charlot (2008), em seus estudos, afirma que a partir da década de 1960 e 1970 do século XX, em vários países do mundo, a escola foi articulada mais claramente ao desenvolvimento social e econômico. Assegura que, nesse sentido, houve um esforço para universalizar a escola primária

e, posteriormente, o ensino fundamental. Nesse contexto, conquistar certo nível de escolaridade ampliaria significativamente as possibilidades de inserção profissional e ascensão social.

Essa configuração histórica, segundo Charlot (2008), é alterada nos anos 1980 e 1990, tendo em vista a globalização.<sup>4</sup> Justifica sua posição argumentando que isso decorre das lógicas neoliberais, que exigem modernização econômica e social. Para o pesquisador, essas lógicas estão vinculadas à globalização, porém fazem parte de fatos mais amplos e exemplifica:

Tornam-se predominantes as exigências de eficácia e qualidade da ação e da produção social, inclusive quando se trata da educação. [...] essas exigências levam a considerar o fim do Ensino Médio como o nível desejado de escolarização para a população, em um país que ambiciona enfrentar a concorrência internacional e a abrir portas do Ensino Superior a uma parte maior da juventude. [...] a ideologia neoliberal impõe a ideia de que "lei do mercado" é o melhor meio e até o único, para alcançar eficácia e eficiência. [...] desenvolvem-se em ritmo rápido das novas tecnologias de informação e comunicação [...] (CHARLOT, 2008, p. 20).

É possível compreender que, na opinião do autor, todas essas transformações exercem influência no trabalho da escola que, na maioria das vezes, vê-se desestabilizado pelas exigências crescentes de todas as ordens.

Diante dessa nova realidade educacional, a escola e seus professores<sup>5</sup> são desafiados cotidianamente a ressignificar suas práticas pedagógicas, o que implica reconhecer as transformações gerais da sociedade, articuladas aos avanços tecnológicos e científicos, à reestruturação produtiva, às inovações no processo de trabalho, ao fortalecimento dos meios de comunicação e aos novos requisitos à requalificação profissional.

Isso significa que é imprescindível avaliar o que efetivamente as instituições escolares fazem e como se preparam para encarar as exigências contemporâneas do campo educacional.

#### **4 A ESCOLA: DAS EXPECTATIVAS ÀS POSSIBILIDADES**

Ao tratar das funções e propósitos da escola, Pérez Gómez (2001) afirma que a instituição de ensino tem uma *função socializadora*, pois ali se encontram grupos de indivíduos que vivem em meios sociais mais amplos, com cultura social divergente. Nesse espaço, operam intercâmbios humanos cotidianos que favorecem a aprendizagem de condutas, valores, posturas, posicionamentos, comportamento e apropriação de determinadas ideias.

Argumenta ainda ter a escola uma *função instrutiva*, que se estende mediante o processo de ensino-aprendizagem, sistemático e intencional, direcionado para “[...] aperfeiçoar o processo de socialização espontânea, compensar suas lacunas e deficiências e preparar o capital humano da comunidade social.” (PÉREZ GÓMES, 2001, p. 262).

Por outro lado, o autor defende, ainda, que a escola tem uma *função educativa* e pressupõe que ela oportuniza o acesso aos conhecimentos e experiências, de forma que os sujeitos reconstruam seu pensamento e atuação, mediados por um processo de descentralização e reflexão crítica a respeito de suas próprias experiências, favorecendo o aperfeiçoamento das maneiras de pensar, sentir e atuar.

A educação escolarizada também tem sido objeto de estudo de Gimeno Sacristán. O autor faz afirmações importantes que auxiliam a compreensão do tema:

Queremos que, no plano das intenções, as escolas sejam ao mesmo tempo lugares protegidos e protetores para os menores e os jovens, que possam ser espaços onde passar algum tempo para enriquecimento cultural e pessoal, que façam com que os menores e os jovens sintam que, embora sejam lugares fechados, é possível construir e desenvolver neles sua vida pessoal, autonomia e liberdade. (GIMENO SACRISTÁN, 2005, p. 204).

Os pressupostos defendidos por Gimeno Sacristán (2005) explicitam que a escola tem o papel de ser uma instituição<sup>6</sup> que oportuniza experiências capazes de engrandecer culturalmente seu alunado, promovendo, conseqüentemente, seu desenvolvimento pessoal.

## 5 QUE PENSA A ESCOLA SOBRE SI MESMA?

Com base nessas reflexões, desenvolvemos um estudo que se propôs a refletir mais sistematicamente sobre questões como: Será que a escola reflete sobre sua missão, procurando alguma clareza nessa perspectiva? Essa condição é importante para orientar os processos educativos cotidianos? Como os atores escolares compreendem o papel da escola?

Para desenvolver o estudo, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas com professores, com supervisores e diretores de escolas públicas do Ensino Médio do Estado do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina. O principal objetivo era desvendar seus pressupostos teórico-práticos em relação às questões anteriormente descritas.

Utilizaram-se as entrevistas como uma possibilidade de recolha de dados direta e possibilidade de obter informações primárias para a interpretação. O roteiro de entrevistas foi organizado pelo próprio grupo de pesquisadores que tentou contemplar questões provocativas, que estimulassem a participação dos interlocutores. A análise de dados foi realizada com base na Análise de Conteúdo, que favoreceu a apreensão e interpretação dos significados atribuídos pelos respondentes.

## **6 OUVINDO O OUTRO: DIÁLOGO COMO POSSIBILIDADE DE COMPREENSÃO**

Ao ouvir os depoimentos dos supervisores e gestores, foi possível compreender que o filtro, para descrever o papel da escola, é decorrente das suas múltiplas atribuições. Há uma materialidade prática muito forte que caracteriza o discurso sobre o papel da escola, ainda que apareçam os fundamentos teóricos oriundos de suas formações. Nesse sentido, parecem como variados e polissêmicos os papéis da escola para nossos interlocutores.

Uma das diretoras descreveu a escola como uma instituição que possibilita o acesso à formação formal, certificadora do conhecimento, que leva o cidadão a construir uma cidadania plena, que oferta experiências capazes de ampliar a socialização do aluno e prepará-lo para que tenha acesso ao mundo do trabalho. Manifesta, igualmente, que a escola tem de ser fonte de esclarecimento e informação para que o aluno conheça os projetos sociais e de saúde aos quais todos os cidadãos têm direito.

Ressalta que é importante que a escola paute seu trabalho numa educação voltada para a formação em direitos humanos. Lembra, como Candau (2010), que o sujeito que aprende é um sujeito de direito pelo processo de educação. Explicita que a educação voltada aos direitos humanos “[...] tem a ver com metodologia e com conteúdos, com os horizontes que permeiam a família e a escola, focada numa cultura de direitos humanos, envolvendo o viver e o relacionar-se com todos, referindo-se à comunicação com a família, com a escola e com sua comunidade.

Preparar o aluno para ingressar no mercado de trabalho também foi uma preocupação manifestada pela diretora da escola, revelando certa coerência com os preceitos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/96 que, em seu artigo primeiro, faz referência à educação escolar que precisa estar vinculada ao mundo do trabalho e à prática social.

Entretanto, é importante que esse conceito seja bem refletido, pois há ambiguidades sobre as relações de poder entre um e outro campo, como afirma Carneiro (2010, p. 40):

Para os educadores é essencial distinguir mundo do trabalho de mercado de trabalho. O primeiro é campo por excelência de realização humana e da construção coletiva da cidadania com qualidade de vida. O segundo é lugar da empregabilidade, dos postos fixos de ocupação e, portanto, da profissionalidade. [...] a educação escolar é a grande porta para a mobilização plena do sujeito.

A posição do autor articula elementos estruturantes, quais sejam: conhecimento, cidadania e trabalho humano, que precisam estar em permanente conexão no espaço escolar, para que a educação, compreendida como prática social, contribua com o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho, como reza a LDB em vigor no Brasil.

Nem sempre foi possível desvendar, por meio das entrevistas, as compreensões conceituais das respondentes. Mas os dados foram-se complementando quando mais pessoas firmaram depoimentos. Foi o caso do diálogo com a supervisora da escola, que reforçou alguns aspectos presentes no depoimento da diretora. Para a supervisora, a escola precisa compreender que "a meta maior é a vida, educar para a vida, formar cidadãos críticos, dinâmicos, bem resolvidos, considerando os aspectos afetivos. Os alunos têm de ser críticos, a preocupação maior é lá fora, como eles sairão para a sociedade, para serem bons profissionais." (informação verbal). Nesse sentido, a ideia de formação extrapola a condição relacionada ao preparo para um conteúdo ou ofício, mas inclui uma dimensão política e social mais ampla.

O desafio da escola, na narrativa da educadora, está em desenvolver a criticidade no aluno, para que seja capaz de refletir sobre a realidade na qual está inserido. É preciso instrumentalizar os educandos para que possam intervir e transformar a realidade sempre que necessário. Nessa lógica, defende a professora-supervisora que as aprendizagens que ocorrem no espaço escolar necessitam preparar o indivíduo para ser um bom cidadão e profissional. Ela faz um chamamento aos educadores para que trabalhem acreditando na possibilidade de formar "[...] pessoas críticas, de raciocínio rápido, com sentido de risco, curiosas, indagadoras", como diz Freire (2000, p. 100).

Para outra supervisora, "a escola tem o papel social de reguladora, transmissora do legado cultural de gerações anteriores e de produtora de novas culturas e novos conhecimentos." Sente, entretanto, que a sociedade "contemporânea cobra mais, num "lavar as mãos" sobre as responsabili-

dades, cobra da escola o papel de educação, formação, organizadora da sociedade e da saúde pública.”

Há uma queixa contida no depoimento dessa supervisora que vê uma cobrança descabida sobre as possibilidades da escola, sem um movimento social mais amplo que assuma parte das responsabilidades para com as novas gerações. Mesmo entendendo que a escola tem compromisso com a cultura e os novos conhecimentos, percebe que a sociedade insiste em exigir, cada vez mais, ações e responsabilidades dessa instituição, desobrigando outras instâncias de assumir parte do encargo de preparar as novas gerações.

Na continuidade do diálogo com as respondentes, ouvimos de outra supervisora uma posição muito similar, na qual afirma:

O papel da escola está confuso para todos e até para nós professores. Somos solicitados a fazer o que sabemos (ensinar) e o que não sabemos (ser psicólogo, orientador familiar, levar crianças no médico, e chamar a família a assumir sua responsabilidade, pois ela se isenta [...]). Porém, essas “tarefas complementares” têm assumido preponderância, ocupado muito tempo escolar e o ensino acontece no meio delas, mas já não há um espaço muito privilegiado para ele.

Para ela, com tantas atribuições, a escola tende a comprometer os resultados de sua tarefa principal: ensinar os conteúdos escolares e historicamente construídos na relação com a cultura do aluno.<sup>7</sup>

É possível afirmar que, em geral, há uma compreensão de que a escola tem um compromisso com o processo de aprendizagem do aluno e que, para tanto, precisa canalizar esforços no sentido de qualificar a ação de ensinar.

Nesse sentido, Anastasiou (2007) reafirma que ensinar se constitui em um elemento fundamental do ato educativo, em um aspecto imprescindível da missão da escola. Toma, entretanto, essa expressão num sentido lato, explicando:

O verbo ensinar, do latim *insignare*, significa marcar com um sinal, que deveria ser de vida, busca e despertar para o conhecimento. Na realidade da sala de aula, pode ocorrer a compreensão, ou não, do conteúdo pretendido, a adesão, ou não, a formas de pensamento mais evoluídas, a mobilização, ou não, para outras ações de estudo e aprendizagem. (ANASTASIOU, 2007, p. 18).

À intenção de ensinar do professor deve corresponder o propósito de aprender no aluno. Mesmo que ensinar e aprender formem um par inconfundível, é importante reconhecer que se constituem em dois processos particulares e que somente alcançam o objetivo comum quando



há esforços, tanto de quem ensina quanto de quem aprende. Entretanto, sendo o professor aquele que detém os conhecimentos profissionais para o trato com a educação escolarizada, presume-se que sua mediação seja mais responsável no processo desencadeado. Nesse caso, o papel do professor confunde-se com o papel da escola, ambos direcionados para metas comuns, referentes ao progresso dos alunos.

Mais um depoimento proporcionou elementos de reflexão e análise para o estudo desenvolvido. Argumentou outra supervisora:

Num primeiro momento, gostaria de destacar que a escola necessita perceber os aspectos da contemporaneidade. Precisa caracterizar a infância e a juventude deste tempo líquido e fluido. Acompanhar os anseios dos estudantes diante do número de informações e dos diferentes acessos dos meios de comunicação. Portanto, a escola precisa trabalhar com metodologias que propiciem a sistematização dessas informações, articulando saberes necessários aos desafios de seu cotidiano. Transformar essas informações em conhecimento e, cada vez mais oportunizar a expressão de suas diferentes inteligências, desenvolvendo competências. Assim, a escola tem o papel de trabalhar com a inclusão digital e social. Necessita trabalhar com as questões de gênero, de identidade, potencializando uma visão sistêmica de nossa cultura. A escola deve fazer a leitura de mundo junto com seus alunos, tecer a realidade a partir de enfoque teórico e prático das diferentes disciplinas. Educar é vida e se constrói na complexidade [...] (informação verbal).

Essa narrativa traz densas reflexões. Parece conter certo desabafo referente ao desejo de uma escola que responda aos anseios de maior qualidade no seu desempenho. Menciona a questão da cultura como elemento de leitura para práticas escolares eficientes. Aponta a importância de que essa condição se concretize nas metodologias e na articulação dos múltiplos saberes que povoam a sala de aula. Aborda o desafio das tecnologias e as formas recentes de acesso à informação, que não podem estar alijadas das práticas escolares. A reflexão da nossa respondente leva à compreensão da complexidade que a escola precisa dar conta.

Morin (1993), entre outros autores, vem ajudando-nos a entender o fenômeno da complexidade e nela a relação entre informação e conhecimento. Para ele, o conhecimento é muito mais do que informação; às vezes, seu estágio inicial. O conhecer implica um segundo estágio, pois envolve interagir com as informações, classificando-as, examinando-as e contextualizando-as. Logo depois, exige um terceiro estágio, que se refere à arte de vincular o conhecimento de maneira útil e pertinente, produzindo novas formas de desenvolvimento e bem-estar humano. A consciência e

a sabedoria envolvem reflexão, ou seja, a capacidade de produzir novas formas de existência, de humanização.

Nas palavras de Morin (1993) observa-se o quanto é importante a escola refletir sobre como transformar a informação em conhecimento e este, em médio prazo, em sabedoria para que tenha sentido na vida dos aprendizes.

Para tal, é preciso compreender a complexidade das funções da escola, articulada à capacidade de seus profissionais em prever ações, intencioná-las, produzindo um “conhecimento prudente para uma vida decente”, como tão bem orienta Boaventura de Souza Santos (2009, p. 74).

Outra colaboradora da pesquisa chamou a atenção para a importância de se olhar a dimensão cultural da escola. Para melhor entender a intenção dessa proposição, encontramos em Arroyo (2010) contribuições que estimulam a olhar a escola nessa perspectiva. Lembra o autor que a repolitização da cultura vem desse coletivo cultural de história, de valores, de linguagens próprias e não emprestadas. É uma afirmação do direito coletivo de sujeitos coletivos e deve contrapor-se à tentativa de acabar com a cultura, um *culturecidio*.<sup>8</sup> Essa discussão precisa fazer parte da pedagogia moderna. Como mostrar, no currículo, a cultura? Como mostrar, no currículo, o direito à cultura?

Essas são importantes provocações que, certamente, deverão ter repercussões nos espaços de formação de professores, a fim de que, gradativamente, criem-se condições para que os referenciais culturais, os próprios grupos culturais e os movimentos sociais estejam presentes no cotidiano das escolas.

Outras considerações a respeito do papel da escola vieram de um diretor que acredita que, “[...] na contemporaneidade, a escola passa a ser o espaço de lazer dos alunos e os estudos passam a ser o segundo plano dos alunos. É o ponto de encontro, das curiosidades sobre o mundo.” (informação verbal). Se, a primeira vista, essa afirmativa pode parecer despropositada – pois parece trair a visão conteudista da escola – num segundo momento, dá-se a essa opinião um valor substancial. Há muito a escola vem ocupando um papel essencial na socialização das crianças e jovens. É nela que eles aprendem a conviver e a respeitar o outro e aprendem sobre as diferenças. Também é nela que as disputas da sociedade mais amplas se materializam, como o preconceito e o individualismo. Mesmo assim, essa é uma função chave da escola e torna-se cada vez mais crucial. A violência e a crescente necessidade de proteção da infância, que se estende pela juventude, fazem da escola um dos poucos ambientes de circulação mais livre para essa geração. Tem razão o diretor depoente ao fazer uma análise do papel da escola, dizendo acreditar que hoje ela é um lugar de encontro,

de entretenimento, de socialização de saberes a respeito do mundo. Os conteúdos curriculares ficam, muitas vezes, invisíveis na valorização relativa dos alunos, mas as práticas de convivência alcançam maior permanência. Gimeno Sacristán (2005) afirma que a escola deveria educar ensinando; porém, não conteúdos mortos, por mais valiosos que pareçam, mas todos aqueles que somos capazes de expressar aos alunos como preciosos para viver e entender o mundo. Acredita-se que as escolas foram criadas para isso, portanto, lazer e estudo podem dividir seguramente o espaço da escola, ampliando horizontes e tornando as pessoas aptas a assumir um papel em que acreditam contribuir para o desenvolvimento da sociedade.

Outro depoimento de um diretor explicita que o papel da escola “é contribuir com a transformação da sociedade. [...] Atualmente, a sociedade exerce fortíssima influência, ditando a transformação a partir da mídia e das tecnologias.” (informação verbal).

Mesmo assim, a escola e o sistema educativo ainda ocupam papel importante. Essa posição no pensamento freireano nos alerta no seguinte sentido:

O homem não pode participar ativamente na história, na sociedade, na transformação da realidade se não for ajudado a tomar consciência da realidade e da sua própria capacidade para transformar [...]. Ninguém luta contra forças que não entende cuja importância não meça, cujas formas e contornos não discirna; [...] A realidade não pode ser modificada senão quando o homem descobre que é modificável e que ele o pode fazer (FREIRE, 1977, p. 48).

Ou seja, o caminho para a transformação inicia com a formação<sup>9</sup> do sujeito que lhe permita conhecer a realidade, compreender os fatos e construir uma leitura crítica do mundo. Assim, compreende-se que facultar o acesso ao saber, que de forma contínua se constrói e se acumula historicamente e oportunizar experiências de recriação desse saber, é uma trajetória importante para constituir cidadãos politizados, críticos e responsáveis com o desenvolvimento social, político e econômico da sociedade em que estão inseridos.

## **7 PENSAR A ESCOLA E PENSAR A SOCIEDADE: CONSIDERAÇÕES**

O presente texto pretendeu contribuir para a reflexão sobre o papel da escola no mundo<sup>10</sup> contemporâneo, possibilitando compreender os desafios enfrentados por essa instituição no contexto atual. Para tal, procurou dar visibilidade às narrativas de sujeitos que atuam cotidianamente

na gestão de espaços escolares, valorizando suas vozes e visibilizando suas narrativas como sujeitos implicados nesse processo com a educação.

Foi possível verificar que a escola pauta seu trabalho num repertório de conhecimentos, costumes e práticas que exigem flexibilidade e ajuste constante, tendo em vista um jogo de tensões existente entre uma cultura escolar marcada por um trabalho fragmentado e uma cultura contemporânea dominada pelo excesso de estímulos, flexibilidade e transitoriedade.

Ressaltam-se, no próprio discurso dos profissionais entrevistados, a importância e a necessidade de a escola e seus professores reverem suas práticas, assumindo uma responsabilidade social diante de crianças, jovens e adultos que historicamente foram expropriados de seus direitos.

No entanto, ainda se percebe a complexidade da missão escolar em tempos de mudança e como essa condição se manifesta nos discursos dos sujeitos da prática. Para exemplificar, ainda não foi possível perceber a importância que os gestores dão à escola como espaço/lugar de formação de saberes dos profissionais envolvidos, ou seja, a escola não se reconhece com autonomia para prover uma formação com mais significado, investindo e instrumentalizando os professores no intuito de qualificar a prática pedagógica. Nesse sentido, Connel (2010) deixa uma lição, afirmando que investir no professor é acreditar que a capacidade produtiva da escola pode ser ampliada. E, definitivamente, isso repercute no mundo todo, em especial na competitividade dos índices de desenvolvimento social e econômico com aumento das taxas positivas na educação.

Portanto, considerar a escola<sup>11</sup> como objeto de estudo autoriza dar visibilidade à dimensão formativa dos contextos institucionais e às condições de trabalho, abrindo vereda à resignificação e ao desenvolvimento de estudos a respeito da formação de professores.

Pensar a instituição escolar na contemporaneidade é um empreendimento difícil, mas necessário. Neste estudo, foram apontados desafios para os quais não se encontram, ainda, respostas concludentes. No entanto, em uma perspectiva emergente, como nos orienta Sousa Santos (2001, p. 31), "só através de uma criação sistemática, apurada e metódica do pensamento crítico independente, da cidadania ativa, de uma luta por uma transformação emancipatória paradigmática, se justifica a escola e aí, sim, ela tem toda a legitimidade e deve continuar."

## ***The paper of the School: interface of theoreticians and pertaining to school actors***

### *Abstract*

*The role of the school has provided deep debate amongst education professionals, scholars and researchers. The present article shows the result of a research which happened in a school context, with aims to understand how school actors see the role of the school. The work was based on a set of studies which approach the complexity and ambiguity of functions imposed on the school nowadays. It is a qualitative research, in which semi-structured interviews were carried out with High School supervisors and directors in the state of Rio Grande do Sul and Santa Catarina, with the theoretical support of authors like: Charlot (2008); Souza Santos (2009); Morin (1993); Gimeno Sacristán (1998, 2001, 2005); Anastasiou (2010); Arroyo (2010); Freire (2000, 1977); Pérez Gómez (2001); Canário (2005); Rios (2006) amongst others. School, as a public space, according to the interviewed professionals, has as basic principles the insertion of the subject in society, critical reconstruction of knowledge and the proposition of policies and standards of living. Therefore, thinking of the school institution, nowadays, is a tough endeavor, though it is necessary.*

*Keywords: The role of the School, School Actors, Knowledge, Society.*

### Notas explicativas

<sup>1</sup> Não há dúvidas de que estamos na presença de uma invenção histórica, contemporânea da dupla revolução industrial e liberal que baliza o início da modernidade e que introduziu, como novidades, o aparecimento de uma instância educativa especializada que separa o aprender do fazer; a criação de uma relação social inédita, a relação pedagógica no quadro da classe, superando a relação dual entre o mestre e o aluno; uma nova forma de socialização (escolar) que progressivamente viria a tornar-se hegemônica. (CANÁRIO, 2005, p. 61).

<sup>2</sup> [...] as ciências da educação estudam a questão do homem do triplo ponto de vista da sua hominização (o tornar-se ser humano), da socialização (o tornar-se membro de uma cidade, e mesmo de várias) e da sua personalização (o tornar-se um ser singular). Está em causa um único e mesmo processo, indissociável no seu desenvolvimento. É possível construir objetos de investigação a partir de uma só dimensão [...] podem, também, construir-se objetos de investigação que integram estas três dimensões. (CHARLOT, 2001, p. 165).

<sup>3</sup> [...] a escola é uma instituição que, a partir de um conjunto de valores estáveis e intrínsecos, funciona como uma fábrica de cidadãos, desempenhando um papel central na integração social, na perspectiva durkheimiana de prevenir a anomia e preparar para a inserção na divisão social do trabalho. Como instituição, a escola desempenha, do ponto de vista histórico, um papel fundamental de unificação cultural, linguística e política, afirmando-se como um instrumento fundamental da construção dos modernos estados-nação. (CANÁRIO, 2005, p. 62).

<sup>4</sup> A globalização é um conceito útil para expressar uma condição do mundo na segunda modernidade em que nos encontramos e que consiste em que as partes deste – sejam países, grupos sociais, culturas e atividades das mais diversas – participem de uma grande rede que condiciona cada peça do todo: suas economias, as políticas que possam adotar, as culturas

que ficam deslocadas e expostas a “contágios” das demais, a informação que circula, etc. (GIMENO SACRISTÁN, 2007, p. 16).

<sup>5</sup> A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, 9.394/96, em seu parágrafo 12, define que os estabelecimentos de ensino, respeitadas as normas comuns e as do sistema de ensino, terão a incumbência de velar pelo cumprimento do plano de trabalho de cada docente. Essa é uma das funções da escola, além de tantas outras enumeradas na LDB.

<sup>6</sup> Para sobreviver como agentes difusores de conhecimento, as instituições educativas precisam entender em que tipo de sociedade vivem, oferecer aos cidadãos possibilidades e capacidades para participarem dela, incumbências hoje distantes de suas práticas cotidianas, fruto de inveteradas tradições. (GIMENO SACRISTÁN, 2007, p. 45).

<sup>7</sup> Saber que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em sala de aula, devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, às suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho a de ensinar, e não a de transferir conhecimento. (FREIRE, 1996, p. 47).

<sup>8</sup> Termo cunhado pelo próprio Miguel Arroyo para explicar uma tentativa de acabar com a cultura.

<sup>9</sup> O ensino da melhor qualidade é aquele que cria condições para a formação de alguém que sabe ler, escrever e contar. Ler não apenas as cartilhas, mas os sinais do mundo, a cultura de seu tempo. (RIOS, 2006, p. 138).

<sup>10</sup> Anunciar mudanças no ensino, ou mesmo exigí-las, não mudará o que acontece na sala de aula e nas escolas se os professores resistem e subvertem estas mudanças. Dado o modelo autoritário de transmissão de conhecimento que tem sido dominante nas escolas ao redor do mundo, os professores irão ensinar de uma maneira mais democrática, centrada no aprendiz se eles tomarem como experiência uma reorientação conceitual fundamental sobre seus papéis e sobre a natureza do ensino e da aprendizagem (ZEICHNER, 2002, p. 29).

<sup>11</sup> Os debates sobre a escola nos últimos trinta anos têm tido um generalizado, e por vezes difuso, sentimento de insatisfação como pano de fundo, ao qual as múltiplas e repetidas tentativas de mudança voluntarista e em larga escala (reformas) não têm conseguido dar uma resposta pertinente. (CANÁRIO, 2005, p. 59).

## REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, L. das G. C. Ensinar, Aprender, Aprender e Processos de Ensinagem. In: ANASTASIOU, L. das G. C. (Org.); ALVES, L. P. **Processos de ensinagem na universidade**: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula. 7. ed. Joinville: Ed. da Univille, 2007.

ARROYO, Miguel. Culturas e Formação de Professores. In: Jornadas Transandinas de Aprendizagem: Ensinar e Aprender no Mundo Complexo e Intercultural, 13., 2010. **Anais...** Frederico Westphalen: URI, 2010.

BOGDAN, R. **Investigação Qualitativa em Educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

CANÁRIO, Rui. **O que é a escola?** Um “olhar” sociológico. Porto: Porto Editora. 2005.

CANDAU, Vera Maria. (PUC-Rio). **Educação em Direitos Humanos: Concepções, Estratégias Pedagógicas e Desafios Atuais.** (Fala). GT 04 DE DIDÁTICA. Educação em Direitos Humanos e Práticas pedagógicas. Promoção. (Mini-curso). In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação. 33., Caxambu – Minas Gerais, 2010.

CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB Fácil:** Leitura crítico-compreensiva artigo a artigo. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

CHARLOT, Bernard. O professor na sociedade contemporânea: um trabalhador da contradição. **Revista da FAEBA**, Educação e Contemporaneidade, Salvador, v. 17, n. 30, p. 17-31, jul./dez. 2008.

CHARLOT, Bernard. Les sciences de l'éducation em France: une discipline apaisée, une culture commune, um front de recherche incertain. In: HAOFSTETTER, R.; e S CHVNEUWLY, B. (Ed.). **Le pari des sciences de l'éducation.** Bruxelles: De Boeck Université, 2008.

COSTA, Marisa Vorraber. **A escola tem futuro?** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERREIRA, A. B. de H. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa.** 3. ed. atual. Curitiba: Positivo, 2004.

FREIRE, P.; SHOR, I. **Medo e ousadia.** O Cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986a.

FREIRE, Paulo. **Cartas a Guiné-bissau:** registro de uma experiência em processo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação.** 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Indignação:** cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Ed. da UNESP, 2000.

GIMENO SACRISTÁN, J. **A educação obrigatória seu sentido educativo e social.** Porto Alegre: Artmed, 2001.

\_\_\_\_\_. **O aluno como invenção.** Porto Alegre: Artmed, 2005.

\_\_\_\_\_. **Poderes instáveis em Educação.** São Paulo: Artmed, 1998.

GIMENO SÁCRISTAN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. **Compreender e transformar o ensino.** 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MORIN, Edgar. Tofler e Morin debatem a sociedade pós-industrial. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, World Media, 12 dez. 1993.

PÉREZ GÓMEZ A. Os processos de ensino-aprendizagem: análise didática das principais teorias da aprendizagem. In: GIMENO SÁCRISTAN, J.; PÉREZ GÓMEZ, A. **Compreender e transformar o ensino**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

\_\_\_\_\_. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

RIOS, T. A. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SANTOS, Boaventura Souza. **Para um novo senso comum**: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2009. (A Crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência, v. 1).

\_\_\_\_\_. Dilemas do nosso tempo: globalização, multiculturalismo e conhecimento. **Educação & Realidade**, v. 26, n. 1, p. 13-32, jan./jul. 2001.

STRECK, Danilo R.; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José (Org.). **Dicionário Paulo Freire**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

PÉREZ GÓMEZ. A. I. A **Cultura Escolar na Sociedade Neoliberal**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

PIMENTA, S. G. (Org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

ZEICHNER, K. M. Formando Professores Reflexivos para uma Educação centrada no aprendiz: possibilidades e contradições. In: ESTEBAN, M. T.; ZACCUR, E. (Org.). **Professora-pesquisadora**: uma práxis em construção. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

Recebido em 26 de julho de 2012

Aceito em 18 de agosto de 2012